ANNO 4.º — Sexta-feira, 30 de Junho de 1911 — NUMERO 176

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)
Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA
Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS
Por linha. . . . . 40 réis
Communicados 20réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Um crime

Pode tolerar-se que emigrados portuguezes, como o capitão Paiva Couceiro, o jornalista Alvaro Chagas, ex-deputado Alexandre d'Albuquerque, os militares Raul Pinheiro Chagas, Saturio Pires, Rebello, Valente, Moraes, o conde de Mangualde, o conde de Bertiandos, o conde d'Almeida, o conde de Penella, o conde de Carcavellos, o sr. Cruz e o tristemente celebre dictador João Franco, ajudados por uns tantos jesuitas, percorram de dia e de noute Orense e Pontevedra, dando ordens ás povoações fronteiriças, organisando e preparando a restauração da monarchia portugueza?!

São estas as palavras textuaes do jornalista hespanhol, D. Angel Maria Molinero n'um relato pormenorisado sobre o plano dos conspiradores capitaneados pelo traidor Paiva Couceiro.

O que presentemente se está desenrolando na fronteira hespanhola só pode causar espanto áquelles que desconhecem, na sua urdidura, a serie de oscillações mais ou menos violentas que fatalmente se succedem aos grandes abalos sociaes, como o cinco d'outubro, que trouxe a mudança de instituições oito vezes seculares.

Após a queda d'um regimen é sempre grande o numero d'aquelles a quem a vaidade inflama e que, julgando-se uns predestinados, se lançam nas aventuras de uma contra-revolução para salvar a patria que elles suppõem á beira do abysmo. A outros, e d'estes é incomensuravel o numero, arrasta-os á rebellião a fruição de chorudas prebendas, a pompa, o fausto exterior de que os cercou o regimen extincto, e que fascina os espiritos fracos; interesses e predominios estes que a nova ordem de cousas, pela sua tendencia democratica, não pode permittir nem deixa continuar, por alheio ao seu programma, sob pena de, um tal desvirtuamento, muito em breve originar a sua ruina. O baixo estofo das contra-revoluções é constituido por estes, e os seus chefes, os Paivas Couceiros, os convictos desvairados ou ingenuamente illudidos de que aquelles se servem, explorando-lhe a vaidade, lisonjeando-lhes o amor proprio.

Após o cataclismo da revolução franceza assim aconteceu. Em Portugal houve os realistas nas refregas liberaes, em Hespanha ainda dão signaes de vida os carlistas, no Brazil salientou-se o almirante Custodio José de Mello, e agora, para nos entreter, não nos falta um Paiva Couceiro.

E' a ordem do mundo que se manifesta na vida social dos povos com a fatalidade precisa dos phenomenos phisicos. Ficar tudo em socego seria contrariar a regra que, pela historia adeante, nos ensina que, sem um estertor ou agonia, não ha consolidação de regimen a valer. A revolução brazileira que foi o modelo, o typo das revoluções tranquillas, teve, pouco depois, de amargurar esse relativo socego, fazendo passar pelas armas, sem barulho e pela mansa, turmas enormes de revoltosos. E só alicerçada em algum sangue se aguentou e fortificou aquella florescente republica. O mesmo aqui n'este momento. Se não apparecesse o Paiva Couceiro seria outro rebelde o homem da contra revolução, ou um grupo de revolucionarios. Isto está, pois, na logica dos acontecimentos; a Republica devia contar com semelhante estachia de cousas. O que ella, porém, não podia esperar, o que ninguem supunha era que, em pleno seculo XX, ella visse espesinhadas pela nossa visinha Hespanha as normas inviolaveis do direito internacional.

O que nunca nos passou pela mente foi que uma nação, com quem temos vivido nas melhores relações, olhasse, com o soberano desprezo dos grandes as provas de boa, camaradagem e amizade com que sempre a temos tratado, para consentir, perante todos os povos civilisados, que nas suas fronteiras, dentro do seu territorio, se alistem, organisem e amestrem guerrilhas, se introduza contrabando para incommodar um povo com quem, ha seculos, vive em boa paz! O que admira é que nas provincias fronteiriças do norte, as auctoridades hespanholas com a sua acquiescencia e passividade tolerem aquelles revoltosos, fazendo exercicios, facilitando-lhes o contrabando das armas, sem chamar a uma rigorosa responsabilidade as pessoas implicadas n'essas proezas e cujos nomes a imprensa dos dois paizes aponta.

Este procedimento é que justifica a nossa epigraphe e perante a historia não nos repugna que elle um dia seja pago na mesma moeda e com usura.

GOVERNADOR CIVIL

Foi já concedida ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues a demissão do cargo de confiança do governo provisorio da Republica, que n'este districto estava desempenhando, mas que não abandonará, por emquanto, devido ás reiteradas instancias dos seus numerosos amigos e commissões politicas que n'esse sentido se lhe dirigiram e ao sr. ministro do Interior pedindo para sustar á sua retirada.

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues creou em volta de si uma aureola de sympathia tão grande, tão funda que, francamente, não sabemos quem o possa, com vantagem, snbstituir ou, pelo menos, igualar na dedicação e amor com que se tem devotado á causa publica, dando assim uma formidavel lição nos que, antes da proclamação do novo regimen, se sentavam no logar que s. ex.ª hoje occupa. Pena é que não possa aqui ficar sempre. Honrar-nos-hia sobremaneira e a Republica encontraria n'elle um dos seus melhores sustentaculos n'este districto.

Coisas & tal

O "Campeão,,

Se depois de ter feito o *28 de Janeiro*, este jornal, um anno, cinco mezes e 9 dias após aquella data, ainda estava convencido de que a **causa da monarchia era a causa da Patria e da Liberdade**, como solemnemente o apregoou no seu n.º de **7 de junho de 1909**, está claro que não foram os artigos subsequentes em que resplandecia apenas a sua má vontade ao sr. José Luciano de Castro que nos fizeram acreditar no contrario. Por que, não queira o *Campeão* torcer, uma coisa é discutir pessoas, outra coisa é discutir principios, e n'este campo nunca o *Campeão*, antes do 5 de outubro, se manifestou de maneira que persuadisse alguem da sua conversão ao credo republicano. Jogos malabares? Sim, n'isso foi eximio desde que se divorciou do sr. José Luciano, *o primeiro estadista, o primeiro talento, o homem mais honrado d'este mundo* até março de 1906, mas que deixou de o ser, por *decreto* do jornal do Cojo, no dia em que o sr. Barbosa de Magalhães se viu *ferido nos seus interesses e nos seus brios* por ter sido preterido no logar de Director Geral dos Negocios da Justiça.

Ainda aqui nos poderiamos deter a fallar da coherencia do *Campeão*, mas que lucramos nós com isso se, afinal, tudo se explica? Incoherente, elle? Isso sim; incoherentes, desleaes e mal creados somos nós quando nos revoltamos contra tanta baixeza, tanto deslavamento e tanto cynismo!

Ainda por cima. Se não dá mesmo vontade... de rir...

O sr. Juiz

Perguntam-nos em carta recebida hontem se o sr. Ferreira Dias, apezar de ter terminado o sexiennio de permanencia n'esta comarca, ainda por cá se demorará muito a ministrar justiça e quaes as causas d'essa demora, que a bastantes está parecendo demasiada.

Sabemos lá! Ao sr. Bernardino Machado é que compete responder, como ministro interino da pasta por onde correm taes negocios, se sim ou não s. ex.ª vae, ou se fica... para semente...

Caso bicudo

Anda na imprensa o sr. Jeremias Lebre, perfeito do Asylo Escola, a querer demonstrar que o edificio onde esteve installado o convento de Jesus não serve para receber os asylados, pretendendo de certa maneira crear obstaculos a que essa ideia vá por deante, pois diz até trazer pezados encargos á camara, como se o sr. Jeremias tivesse alguma coisa com isso. Mas não, sr. Jeremias, isso de encargos é illusão sua. Bastam umas pequenas reparações e verá que tudo fica bem e as creanças magnificamente installadas. Pessoas de familias ricas viveram lá, educandas de verdes annos ali estiveram internadas muito tempo e olhe que a casa não era mais do que aquillo que hoje é.

Por isso os pequenos, se mudarem, não pódem ir melhor.

De passagem...

Agravos sem conta, e alguns bem profundos, temos recebido em Aveiro, não sendo por isso de admirar que no numero dos que se nos teem dirigido menos correctamente ou mais infamemente, entre o *Campeão*. E' possivel que se não lembre; a nós, porém, é que não nos escapa nada, dado o nosso feitio de tudo colleccionarmos...

Exposição

Deve ser no domingo patenteado, pela primeira vez, ao publico, depois que deixou de ser habitado pelas recolhidas da ordem dominicana, o antigo convento de Jesus onde se acharão expostos todos os objectos valiosos que fazem parte do muzeu municipal, prestes a installar-se definitivamente.

A' entrada receber-se-ha qualquer importancia com que os visitantes queiram concorrer para a Assistencia Publica da cidade.

Batalhão de Voluntarios

Dados os boatos alarmantes que ultimamente têm circulado e a coincidencia da aprehensão de material de guerra, em Hespanha, destinado aos conspiradores portuguezes que ali se acham refugiados, muitos dos republicanos d'Aveiro resolveram constituir tambem, n'esta cidade, um batalhão de voluntarios da Republica, não só para defeza do novo rigimen, mas por que se torna egualmente necessario precavernos contra uma provavel invasão de elementos estranhos que, custe o que custar, temos obrigação de repellir até ao derramamento da ultima gotta de sangue, se tanto fôr preciso.

Pela nossa parte escusado será dizer que damos todo o nosso appoio, abraçando mesmo com enthusiasmo a deliberação dos nossos correligionarios, que não deve tardar a ser posta em pratica, visto as ameaças que constantemente nos estão a ser lançadas, por um lado, e por outro, os factos anormaes que no visinho reino se teem dado e que tão directamente nos dizem respeito.

Cidadãos, patriotas, gente em cujo peito se alberga o sentimento d'amor, uma parcella que seja de civismo e altivez: ás armas em defeza da Patria!

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

Lyceu d'Aveiro

A sua immediata elevação a central impõe-se custe o que custar, embora com curta vista, no campo da Economia, o actual presidente do nosso municipio, ha poucos dias, n'um comicio, pretendesse convencer a todos do contrario, com argumentos balôfos e até irrisorios, que orientando a acção da camara em tão momentosa questão, como na não menos importante do alojamento das unidades militares, com que ultimamente fomos brindados, fazem perigar gravemente os interesses d'Aveiro, com a aggravante de brigarem, como alli nos foi dado vêr, com a vontade soberana dos municipes.

Aveiro, centro d'um dos districtos de mais densa população escolar do paiz, com edificio lyceal proprio, que pela sua qualidade e frequencia extraordinaria, póde ufanar-se de cauzar inveja a quasi todas as cidades de Portugal que possuem lyceus, occupando um logar privilegiado na rede ferro-viaria portugueza, d'esde ha muito conquistou o direito de ter um lyceu central.

Infelizmente, para o conseguimento d'esse acto de justiça, baldados foram repetidos esforços de paladinos da nossa terra, que nos tempos da ignominiosa monarchia, sahiam, de quando em quando, á estacada como que tentando despertar o povo aveirense da apathia, que nos parece conserval-o sempre alheio aos seus interesses vitaes.

E agora, quando a Republica, na applicação do sagrado principio da egualdade, parece pretender acabar urgentemente com a injusta e immoral desegualdade dos lyceus (moeda fraca e moeda forte), pergunta a Aveiro, pela sua camara municipal, se nas condições legaes, quer vêr realisada a velha esperança de ter lyceu central, eis que, segundo a lugubre toada da voz corrente e pela prova dos factos, de animo leve, lhe é respondido: não!

E porque? Porque não tem dinheiro o cofre camarario e ainda (oh que tremenda bernardice!) porque a cidade pouco lucra com tal melhoramento!..

Acaso a infeliz resposta dada, que terá produzido riso amarello aos altos poderes que a receberam, exprime a vontade do povo aveirense?

Então o commercio, as industrias e artes, forças vivas dos povos, os proprietarios e os capitalistas, e bem assim todos a quem a vida da cidade interessa, não soffrem terrivelmente os effeitos do *Não*, dado pela camara?! Oh! decerto! Porque a elevação do lyceu a central contribuiria para o engrandecimento da cidade, que o retrahimento do capital conserva estacionaria e traria o desenvolvimento d'aquellas forças, pelo indubitavel crescimento da população fluctuante escolar, filha geralmente da gente abastada das aldeias, que aqui augmentaria o capital, pagando hospedagens, serviços e generos de toda a especie.

Assim, como é da logica, a propria camara, animadas as artes e as industrias, favorecido o commercio e engrandecida a cidade pelo augmento de habitações, que incontestavelmente, em poucos annos, seriam edificadas, gosaria o beneficio do augmento das receitas, parecendo-nos que, em tudo isto, ella encontraria remuneração sufficiente para os sacrificios a fazer, podendo ainda, com o lançamento de insignificante contribuição (sendo indispensavel) e aproveitando as espontaneas e generosas offertas que, para tal melhoramento, teem sido feitas, fazer face ao encargo resultante, emquanto os seus compromissos herdados não desapparecessem. Para não alongarmos este, já extenso, arrazoado, não quizemos fallar largamente do dinheiro que annualmente sae d'Aveiro para custear despezas dos estudantes d'aqui, que frequentam lyçeus centraes e ainda da deshumanidade de vermos cortado o futuro a filhos de alguns aveirenses, que, sem recursos para estudarem o curso complementar dos lyceus, fóra da casa dos paes, se resignam a ficar com o 5.º anno, *quasi sempre á espera d'um emprego*, quando algumas vezes são rapazes intelligentes, que, concluindo um curso, poderiam vir a sêr muito uteis a si, á terra que lhes foi berço e principalmente á Patria, que tanto precisa de homens valorosos.

O. S.

PADRE MANUEL ANÇÃ

No dia 4 do corrente fez uma conferencia no *Theatro Bejense* subordinada ao thema—*Educação civica e moral*—este conhecido ecclesiastico, ali do visinho concelho d'Ilhavo, mas que ha muitos annos reside em Beja com seu irmão, o reverendo José Maria Ançã, de cujo seminario foram professores, gosando geral estima e consideração entre os habitantes da populosa cidade, como ficou nitidamente demontrado por occasião do conflicto havido com os dois illustrados sacerdotes e o bispo D. Sebastião, de repugnante memoria.

Sobre essa conferencia pronuncia-se o nosso collega, *O Porvir*, da seguinte fórma:

«O sr. Ançã prendeu a attenção do publico, de tal fórma, que por differentes vezes, mas muito principalmente no fim da sua magistral conferencia, foi alvo d'uma ovação tão sentida e carinhosa, que, com toda a justiça, se póde dizer que foi uma verdadeira apotheose.

Possue todos os requisitos de perfeito orador:—presença, voz, gesto, serenidade, e sobre tudo muito talento e vasta illustração. Do seu trabalho resultou isto que se synthetisa em poucas palavras: uma perfeita maravilha litteraria.

A nossa bella lingua portugueza, com todas as suas fulgurações, com to-

do o seu encanto e com toda a sua riqueza, ora leve como a aza branca de uma borboleta, ora pezada como o bronze de um canhão, foi pelo sr. Ançã cantada por espaço de duas horas, com tal arte e primor, que só tem parallelo em nossos melhores mestres, como Vieira ou Alves Mendes.

Destacou-se, porém, o brilhante orador, evidenciando toda a pujança do seu talento, no trecho descriptivo da mãe-patria, na allusão aos Jeronymos, á Batalha e ao munumento dos monumentos—o poema epico de Camões.

N'essas passagens da sua brilhante conferencia, tocou o sr. Ançã as raias do sublime e subiu até onde só chegam as aguias com os seus vôos alterosos. Quem assistiu ao desenrolar de tão bella peça literaria e queira ser imparcial e justo, poderá dizer se n'estas palavras vae a menor sombra de lisonja ou favor.

Nem o sr. Ançã precisa de taes *ajudas*.»

N'estas condições qual seria a nossa obrigação? Certamente pedir ao sr. padre Ançã um extracto da sua conferencia para ser publicado no *Democrata* visto o fim altamente patriotico que teve em vista:—educar. Foi o que fizemos accedendo o sr. padre Ançã do melhor grado ao nosso desejo, pelo que muito reconhecidos lhe ficamos.

E conscios de que os nossos leitores o apreciarão como deve ser apreciado um trabalho da natureza d'aquelle que o sr. padre Ançã, com tanto brilho, desenvolveu, adeante vae, sentindo apenas que d'uma vez só o não possamos publicar devido á sua extenção.

OS BYSANTINOS

Resa a historia que, quando da tomada de Constantinopla, pelos turcos, em 1453, cercada esta cidade por 250 mil homens, os grandes da cidade se encontravam todos reunidos, discutindo acaloradamente e com solemnidade qual a côr do lenço que usasa a Virgem Maria, quando o anjo Gabriel Pereira a visitou e lhe disse que ella havia de saber um dia o gosto que o fado tem. Estes singularissimos e banalissimos patetas passaram á historia com o nome de *bysantinos* e deixaram semente que, para vergonha da humanidade e da civilisação actual, continua reproduzida em individuos que ainda hoje sobremaneira se atarefam e preoccupam em descobrir, ao certo, se o S. Pedro soffria de homorroidas e Maria Magdalena da espinhela cahida e da madre desencabada. Em Madrid, dizem as gazetas, celebrou-se ha dias um congresso eucaristico e os congressistas estão tão convencidos da importancia pratica da *mystica patacoada*, que até um infante D. Carlos, em nome do rei de Hespanha, o declarou de *importancia mundial*! Ora vejam como se entretem aquella gente, 300 annos atrazada da sua epocha, que futuro está destinado a uma patria em que a eucaristia dá ensanchas para um congresso. E a batata a soffrer do pulgão e tanta gente a morrer de sarnão macho, sem um congresso que estude o assumpto para lhe dar cura...

A separação

Entra ámanhã em vigor em todo o territorio da Republica, a lei de separação da Egreja do Estado, que, entre outras disposições, prohibe expressamente, sob pena de desobediencia, a todos os ministros de qualquer religião, seminaristas, membros de corporações da assistencia e beneficencia, encarregados ou não do culto, empregados e serventuarios d'ellas e dos templos e, em geral, a todos os individuos que directa ou indirectamente intervenham ou se destinem a intervir no culto, o uso, fóra dos templos e das cerimonias cultuaes, de habitos ou vestes talares.

Assim, pois, fóra dos templos ou dos cemiterios os sacerdotes de qualquer religião não podem fazer uso dos mencionados habitos ou vestes.

Nas ruas teem de se apresentar á secular, sendo castigados todos aquelles que infringirem as leis, a esta hora bem espalhadas para que se não possa argumentar com a sua ignorancia.

Valiosa offerta

Na montra do estabelecimento de modas do nosso amigo, sr. Pompeu Pereira, tem estado em exposição um precioso panno de setim branco bordado a matiz e trazido da China pelo sr. dr. Rodrigo Rodrigues, que o offereceu ao *Club dos Gallitos* por ter visto nos dois gallos que ao centro se destacam, uma allegoria muito apropriada ao gremio de que faz parte como socio honorario.

E' um verdadeiro mimo que os *Gallitos* vão guardar, de certo, entre os de maior valor e gosto que lhe teem sido offertados.

Cadastro d'um monarchico

A proposito d'um outro malandro que do Brazil se tem entretido a defender a monarchia dos *adeantamentos*, dos roubos do Credito Predial e dos crimes de traição á Patria, no jornaleco intitulado *A Bandeira Portugueza*, escrevem-nos a seguinte carta:

Amigo A. Ribeiro

O Seculo *de ha dias publicava a noticia que aqui junto. Infelizmente, esse* honrado patriota *é de Aveiro, filho d'um José Martins, marceneiro e depois carpinteiro, e d'uma Rosa, lavadeira, os quaes moraram em cimo de Villa, e ha perto de 20 annos foram rezidir para o Porto. Ainda hade haver muitas pessoas em Aveiro que se lembrem d'elles. Seu pae, por exemplo.*

O rapaz era uma figura exotica, sempre algo roto e bem sujo, uzando quasi sempre os collarinhos do pae, muito altos e largos, arrotando litteratices *e calinando a todo o passo. Tinha a pécha de ser um grande trampolineiro, intrujando toda a gente, e pedindo livros, que vendia ou nunca mais entregava.*

Em summa: promettia... e veio a dar!... *A custo, o pae obteve, por empenhos, n'aquelle tempo, que o rapaz fosse admittido, á pratica, na estação telegraphica de Aveiro.*

N'esse anno ou no seguinte o chefe Prazeres escalou-o para tomar conta do telegrapho, no Forte da Barra, em tempo de banhos, e o figurão mandou logo imprimir uns grandes cartões de visita com o seguinte, em lettras garrafaes: Amadeu da Rocha Martins, chefe da Estação Telegrapho-Postal do Castello da Barra.

Pela mais insignificante causa, mostrava logo e dava um d'esses cartões, fosse a quem fosse. Um dia desappareceu d'aqui, constando, depois, que elle fizera uma tratantada a uma familia, n'uma terra qualquer onde era encarregado d'uma estação telegraphica, casando ahi. Mais tarde soube-se da roubalheira das notas, a que se refere a noticia, desapparecendo depois para sitio desconhecido, ha bastantes annos.

O que não terá feito lá pelo Brazil este pantomineiro, que até parece um rebento do Capirote !!!,..

Se quizer aproveitar a noticia e estes dados, ahi os tem. E' mais um conspirador de Aveiro. Parece fatalidade! E a chronica tambem é fresca e recommendavel, como a do Veiga...

Seu amigo e corr.º

Z. E.

A noticia de que falla o auctor da carta é esta:

«Em Alvaiazere tem-se, n'estes ultimos mezes, distribuido exemplares d'um jornal de S. Paulo, intitulado a *Bandeira Portugueza*, onde a asneira corre parelhas com a infamia.

E' redactor principal do inspirado periodico, que se diz da colonia portugueza, um tal Rocha Martins, individuo de nacionalidade portugueza.

Ora este admiravel cavalheiro tem a seguinte chronica, que apresentamos aos nossos leitores, fornecida de Alvaiazere, onde é assaz conhecido.

Chama-se o patusco *patriota* Amadeu Augusto da Rocha Martins e foi, n'aquella terra, chefe da estação telegrapho-postal.

N'esta qualidade, apoderou-se de tres notas de vinte mil réis que faziam parte da quantia de quatrocentos mil réis, enviada em carta, com valor declarado, a Manuel Simões d'Abreu, de Maçãs de D. Maria.

A carta indicava os numeros e as séries das notas enviadas, e como, passados dias, d'ésse entrada na recebedoria, n'uma entrega de rendimento postal, uma das notas subtrahidas, logo ficou descoberto o auctor do delicto.

Processado, preso durante alguns mezes, foi finalmente julgado e absolvido pelo jury, graças á intervenção d'um seu cunhado padre.

Esta absolvição não obstou, porém, a que a direcção geral dos correios o puzesse na rua, indo, então, para o Brazil.

Como a sua absolvição se deu nos tempos da outra bandeira, talvez seja pelo reconhecimento de não ter dado, n'esse tempo, com os ossos por alguns annos na cadeia, que se resolveu a vomitar maluqueiras. Coitado!»

Raio de diabos! Outro de Aveiro, correligionario do Christo, do *Mijareta*, do padre Fernandes, do *Hoche*, do *Sota da Praça*, do Veiga, do juiz de Vagos, chega a ser phantastico!

Esta terra ou tem mau sestro e para isso só um defumadoiro completo da bruxa de Adães ou então precisa que a varram para vêr se, d'uma vez para sempre, nos livramos de semelhante gente.

Não póde ser

Continuamos a affirmal-o: não póde ser.

Não é com a citação de disposições anachronicas e retrogradas, consignadas n'um carunchoso regulamento de ha 22 annos, que se pretende alterar e deturpar a verdade das cousas e dos factos occorridos presentemente.

Ha muito que se submetem as creanças internadas na secção feminina do asylo, a catecheses, orações e novenas, obrigando-as a estar de joelhos, meia hora e mais, antes das refeições, chegando algumas d'ellas a gastar-se, tanto se prolonga a... devoção.

Independente d'uma profunda reforma que aquella casa exige, é absolutamente indispensavel que se olhe para ali com olhos de vêr.

O que está não póde continuar.

Mas o que é um facto verdadeiro é que a nova perfeita, que por bom signal bem imperfeita é, ápart o prodigioso e *doutoral* talento que possue, junto com uma quéda notavel para as lides jornalisticas, como se póde aquilatar da carta que *copiou* para o nosso collega da *Liberdade*, essa perfeita, com a sua presença, ateou o fogo sagrado da fé e do amor... pela santa religião, fazendo festinhas a Santa Rita, quando a constituiu advogada da sua pretensão ao logar.

Que essa creatura veio do convento da Senhora do Pranto, de Ilhavo, onde esteve como freira, embora nos diga agora que lá servia como professora, é absolutamente verdadeiro

Com essa educação e feitio não póde deixar de continuar a ser o que foi: uma freira eivada de todo o errado preconceito, não podendo, por principio algum, satisfazer o fim que se pretende.

O sr. presidente da camara *declinou* a escolha da pessoa para o logar, na directora do asylo e portanto inhibido está de a recusar, ao menos por coherencia, se ella existe.

Do sr. governador civil, portanto, chamamos a attenção para este facto que offende duramente os principios liberaes da cidade e das instituições.

O que está não póde ser e a opinião publica exige que se não proteja quem sempre o partido republicano combateu: o jesuitismo ou elle se exhiba de sotaina ou de casaca ou saias.

Não abandonaremos o assumpto até á completa satisfação que os nossos sentimentos liberaes exigem.

Pela Fazenda

Tendo-se ultimamente procedido á classificação do pessoal do ministerio das finanças, acaba de ser collocado n'esta cidade como inspector de 1.ª classe, em substituição do sr. Joaquim d'Azevedo que vae prestar serviços na direcção geral das contribuições e impostos, o sr. Paschoal Lino de Quintanilha Mendonça, sendo ao mesmo tempo promovido a 2.º official, por antiguidade, o nosso amigo, sr. Viriato Ferreira de Lima e Souza. a quem felicitamos.

O 3.º official, sr. Casimiro Ferreira da Cunha, veio transferido do Porto para esta cidade ficando na vaga do do sr. Lima e Souza.

Visita

Estiveram n'esta redacção os nossos correligionorios, srs. Matheus Rodrigues Serem e Duarte S. Madail, que do Congo Belga vieram passar algum tempo, junto de suas familias, á terra da sua naturalidade.

Agradecemos e retribuimos os seus cumprimentos.

CONFERENCIAS POPULARES

A EDUCAÇÃO CIVICA E MORAL DO POVO

Extracto d'uma conferencia realisada no Theatro Bejense, em 4 de Júnho, pelo sr. padre Manoel Ançã, natural da villa d'Ilhavo

Minhas senhoras e meus senhores

Eu vim aqui, movido por um honroso convite, que acceitei,—convite que me foi dirigido pela distincta commissão promotora de estas conferencias, representada n'esta sala por um seu illustre membro, o sr. dr. João Francisco de Sousa, que tanto aprecio pela sua cultura espiritual e a quem muito agradeço as palavras d'imerecido elogio, com que agora me distinguiu.

Depois de ter pedido ao meu cerebro e ao meu coração alguma coisa de bom, para n'este recinto e n'esta noite espalhar profusamente, eu venho trazer aqui apenas uma gotta d'agua á seara que viceja fertil no campo vastissimo da educação. Que mais posso eu dar? E' um serviço consagrado, não aos homens instruidos e aos intellectuaes, que vejo presentes, mas sim aos humildes filhos de Beja, a quem me prendem laços d'affecto, muito gratos e muitos caros ao meu coração.

Venho, porque 24 annos hei passado n'esta cidade, bebendo a sua luz e o seu ar tão saudavel, o que me impõe o dever de ser util, tanto quanto em mim caiba, á terra hospitaleira, que o destino me deparou por morada.

Venho, e não me arrependo, porque o povo é a alma do paiz—alma alegre e fecundante, que precisa cuidada e preservada, como planta mimosa d'um jardim.

Venho, porque trabalhar pela educação das classes populares, guiando-as para o bem, é tarefa altruista, humanitaria, patriotica, nobilissima, que merece todo o meu enthusiasmo e a minha sympathia mais profunda.

E' certo que vibra ainda na vossa alma, com deleite, qual harmonia inspirada, a palavra nervosa e quente e persuasiva dos conferentes, que me precederam. Evidentemente, não pode acompanhal-a em seus vôos alterosos, nem medir-se com a dos oradores subsequentes, a minha palavra palida, descolorida, sem merito, comquanto sincera, franca e amiga:—a palavra que ora se desprende de meus labios, e que resôa n'esta sala como uma nota dissonante. Não pode. Mas embora. A natureza é formada de contrastes diversissimos. Até na luz ha gradações; tem o sol as suas manchas; e em todo o quadro existem sombras. E' no complexo das variantes das coisas que residem a ordem, a belleza e a perfeição universaes, em que nos embevecemos e nos illustramos.

Colocado, pois, na penumbra, perante as brilhantes fulgurações da situação presente, eis-me dentro da lei commum, concorrendo, ainda que minguadamente, para o equilibrio social, cujo ponto de apoio tem sua base nas acções, as acções nos sentimentos, os sentimentos na vontade, a vontade no coração individual. Aformoseie-se todo este cosmorama do mundo do espirito, com os primores e louçanias da educação, como grinalda toucada de flores mimosas de Maio. E' um trabalho edificante!

Eu sei optimamente que é de boa politica e de pura moral, mostrar ao povo os seus deveres ou obrigações, já que por toda a parte tanto se falla em direitos; e ensinar-lhe ao mesmo tempo noções, principios, regras, exemplos, para que elle se integre no perfeito concerto da harmonia e da ordem social, a que aspiram todos os patriotas sinceros.

E' de mau criterio, ou de criterio errado, exigir sómente d'um dos altos poderes do Estado—o Governo—a grave e momentosa funcção educativa. Conflictos multiplos, cuidados penosos, difficuldades urgentes, problemas diversissimos, cuja solucção é complexa e laboriosa, absorvem tempo, energia, saude a esses 8 homens eminentes, que nos paços do governo dirigem os destinos da nação e a infancia da Republica.

Tambem não deve exigir-se do professor official o cuidado exclusivo d'esta sementeira benefica, porque esse prestimoso funccionario não póde com seu unico esforço derramar luz em todas as quadras da existencia do homem, desde a edade da razão até á plenitude da vida. Basta que o professor official, no santuario bemfazejo da escola, embelleze o espirito das creanças,—d'esses amores innocentes da sua devoção—preparando-o para as rijas batalhas da vida, em que esse espirito, ora tenro, ha-de offerecer, no futuro, o seu esforço intensivo á causa bemdita da patria e da Republica.

E', pois, d'interesse eminentemente pratico que todos os cidadãos idoneos, dotados de capacidade educativa, cooperem n'esta cruzada nacional, vindo ao seio d'estas assembleias populares, onde vejo adolescentes e adultos e anciãos e toda esta formosissima constelação de senhoras bejenses, que são as graças da educação domestica, sorrindo como flores d'esperança patria, sim, vindo fallar á sua consciencia e ao seu coração a linguagem da sinceridade e da verdade, como fructo da Democracia, colhido n'uma nação que é livre!

Ora, para a effectivação d'esta obra fecunda, a conferencia é um meio communicativo, servido pela palavra, que é o orgão expressivo da ideia e o despertador vibrante do sentimento.

Não vá, porém, aventar-se por zombaria que a conferencia tornou-se moda—moda que entrou nos costumes portuguezes, como a dos figurinos de catalogo, que o carteiro leva a toda a parte. Nem vá tampouco applicar-se aos conferentes ou prelectores, uns versos d'aquelle engraçado apólogo d'Almeida Garrett, que vem incerto no 1.º volume do seu *Cancioneiro*—apólogo intitulado *As pêgas de Cintra*, cuja 2.ª e 3.ª quadras resam assim:

«O gavião é calado,
vae ferido e vae voando;
assim fôra a negra pêga,
que ha-de sempre andar palrando.

A pêga é negra e palreira,
o que sabe vae contando...
muito palra, parla a pêga,
que sempre ha-de estar palrando.»

Já agora não resisto á tentação e ao prazer espiritual de communicar-vos, meus senhores, que estes versos das *pêgas de Cintra*, genuinamente nacionaes, compostos por esse escriptor portuguez da escola romantica, que deu ás lettras patrias tudo quanto a sua grande cultura e talento podiam dar de mais brilhante,—escriptor, cuja obra merece ser lida por todos, tanto mais que elle offereceu tambem á causa heroica da liberdade toda a energia da sua agitada vida,—são versos alegoricos á *sala das pêgas*, talvez já vista por alguns de vós, a qual existe no palacio de Cintra. E, a titulo d'esclarecimento para quem desconhece a historia—historia que me parece não ser da carochinha!—contarei o seguinte:

Um dia, ha seculos já, no jardim d'esse palacio, andava com as damas da sua côrte, passeando ou divertindo-se a tratar das flores, a rainha de Portugal. Era esta, decerto, a virtuosa e austera D. Filippa de Lencastre, mãe d'essa tão illustre descendencia de principes da nossa terra, cujas brilhantes qualidades e acções famosas inspiraram a Oliveira Martins algumas paginas sublimes do seu notavel livro, intitulado *Os filhos de D. João I.* Seguia-as por ali uma pêga muito ladina, que estimavam, a qual el-rei tinha apanhado na caçada e levado para o palacio. Entre as damas da côrte havia uma, que era muito formosa—julgo que a mais linda de todas,—chamada D. Mécia, com quem el-rei se entretinha galanteando, e a quem então offertou uma rosa, colhida no mesmo jardim. A pêga bregeira, que tudo espreitava, quando D. Mécia acceitou a rosa e a ergueu para a cheirar, rouba-lh'a da mão, e foge com ella para a rainha. D. Mécia assusta-se, com o inesperado do caso, dá um grito, e D. Fillipa olhando para traz de si, onde o marido estava, surprehende-o, galanteando com a graciosa dama. Os ciumes e os zelos, que são o terrivel flagelo de todas as mulheres apaixonadas, que amam com ternura, assaltaram n'esse momento D. Filippa, que encarou o marido com sombria desconfiança. A majestade masculina, que tão valente fôra na batalha de Aljubarrota, pelejando contra os castelhanos em defeza da independencia nacional, perturba-se agora um tanto por momentos, ante os olhos reprehensivos da consorte; mas, recobrando logo animo, diz-lhe com affectuosa serenidade: *Foi por bem.*

E com esta meiguice de palavras D. João I, o mestre d'Aviz, desarmou os zelos e os ciumes da esposa, a quem todas as damas socegaram, repetindo *una voce*: *Foi por bem.*

E acabou-se a historia. Agora continuemos... Estas conferencias, meus senhores, não são filhas da moda, nem são discursos de pêgas palreiras, esboçados materialmente, levianamente, sem nexo, sem ordem, sem fim determinado. Estas conferencias são como rosas colhidas no jardim d'alma, á luz das ideias modernas, que a bella Democracia offerece ao povo, afim de que n'elle e para elle exalem os seus mais castos aromas e se desentranhem em fructos excellentes. Estas conferencias, que se promovem com tanto patriotismo, são dedicadas ao povo... por bem e para seu bem, decerto com mais candura do que esse antigo rei portuguez, o galanteador D. João I, offerecia á donairosa e atrahente dama as rosas desabrochadas no jardim do palacio de Cintra.

Portanto, receba o povo estas conferencias amorosamente, com desejo de se instruir e educar nas virtudes civicas, no amor á Democracia, na pratica honesta de tudo quanto é bom e de tudo quanto merece respeito, porque estas formas d'expressão representam sacrificio, trabalho, vigilias, sem outra remuneração moral ou material, que não seja a de servir a nossa querida patria, em cujos altares sagrados devemos prestar por palavras e por obras o mais fervoroso dos cultos.

....

Para alcançar o fim que proponho, não nos faltam meios beneficos, nem auxilios vantajosos.

Formemos a intelligencia e o caracter, e seremos cidadãos perfeitos.

A imprensa democratica peleja em toda a parte com denodo.

Os intellectuaes e os oradores portuguezes batalham no livro e na tribuna.

Os pedagogos empenham-se e combatem o bom combate.

O estado ahi o vejo a dar-nos a mão. E o governo... esse não descura esta obra eminentemente social—a obra belissima da educação popular,—tendo já offerecido ao paiz uma providencia auspiciosa, na reforma d'instrucção primaria, decretada em 29 de março findo.

E' racional e intuitivo cuidar da escola e começar por ella a cultura da intelligencia e do coração.

Diz-se vulgarmente, com um profundo cunho de philosofia e de verdade, que aquillo que o berço dá, só a tumba o tira. Quer dizer: Os habitos do bem ou do mal, adquiridos na quadra da meninice, ou da juventude, acompanharão sempre o individuo, na viajem atravez do espaço, pela vida fóra.

Portanto, é logico promover a educação da creança, cinzelando com todo o esmero o caracter das gerações infantis e juvenis, que representam os cidadãos d'ámanhã.

O grau de civilisação d'um povo não se aquilata sómente pela sabedoria de suas leis, pela prosperidade de suas industrias, pelo desenvolvimento do seu commercio, pela riqueza das suas finanças, pelo poder de suas esquadras, pela grandeza de seus exercitos, pela expansibilidade de suas artes, pela perfeição de suas sciencias, emfim. Aquilata-se ou avalia-se tambem pela sua educação moral e civica, a qual depura e ennobrece os sentimentos do individuo, tornando-o mais humano e mais causal dos seus proprios actos.

Portugal, com a reforma posta em vigor, do ensino *infantil*, *primario e normal*, depois de espancar a treva do analfabetismo a chicotadas de luz, creando uma escola em cada freguezia, ha-de sentir-se beneficiado operosamente no futuro... se o trabalho pratico e conscienciosamente educativo dos professores, auxiliado no lar domestico pelos paes, correspon-

der aos excellentes desejos do governo.

A creança é instintivamente buliçosa, travêssa, tendendo muito para a pratica d'actos incompativeis com a boa educação. E—pena é dizel-o!—vae aprender, não na escola, mas nos recreios, em contacto com os seus companheiros mais edosos, inconveniencias de linguagem e d'acções, que a sua infantilidade desconhecia, antes de sahir do amoroso seio da familia para o templo bemdicto da escola. Triste realidade!

Cresce... E quanto mais se accentua o seu desenvolvimento physico e instructivo, mais *malfazeja* se vae mostrando. Vêde-a na rua... a rua que é a mais detestavel das escolas; vêde-a escrevendo obscenidades nos muros, nas paredes, nas portas dos predios e desenhando figuras pornograficas com carvão ou giz! Observae-a, divertindo-se ás vezes a verter palavras indecorosas contra os condiscipulos, á medida que lhes arremessa pedras da calçada, ou despeja urina sobre os nossos melhores edificios publicos!

Infelizmente, este abuso da creança acompanha-a com cega e viciosa renitencia, até ser homem, o que não abona a sua extrema formação moral.

Relevae-me esta digressão ethologica, que é uma scena flagrante dos máos habitos do nosso ambiente.

E' preciso, pois, que desde o lar até á escola se comece a infundir com toda a perseverança a ideia do dever, e a moldar com o maior disvelo o caracter do futuro cidadão.

Isto, para que saiâmos da esterilidade educativa em que se viveu até á publicação da reforma do ensino primario.

O governo, como já referi, comprehende optimamente esta necessidade civica e social, porque prescreveu para o *ensino infantil as lições de contos e lendas tradicionaes de grande simplicidade de acção, com intuitos patrioticos*, e bem assim *a acquisição de habitos moraes, por meio do exemplo e do ensino*.

No ensino primario elementar, preceituou ainda os *contos d'historia patria e lendas tradicionaes, a par da moral pratica, tendente a orientar a vontade para o bem e a desenvolver a sensibilidade*, não se esquecendo de exigir tambem o uso de *noções sobre educação social e civica*.

No ensino primario complementar, quer o governo mais:—quer o *desenvolvimento da moral pratica, como meio de formar o caracter*, devendo este trabalho perfectivo ser auxiliado pelos *rudimentos de direitos e deveres dos cidadãos*. Emfim, no *ensino primario superior*, manda que seja ministrada a *instrucção civica*, como corôa e remate de toda a obra de aperfeiçoamento da personalidade, que se integrou na vida civilisada do paiz.

Tudo isto constitue uma gradação ou progressão harmonicamente e intelligentemente preparadas, que abraçam o individuo n'um amplexo d'amor, desde a infancia á juventude, como que convidando-o a compartilhar do grandioso concerto dos espiritos selectos e da sublime orchestração da virtude social, que é o sonho de todos os homens de bem.

Nada, porém, nos diz o Governo, em seu decreto, sobre festas escolares, tão mimosas, tão sympathicas e tão operosas para a alma em flôr da innocencia portugueza.

Oxalá o governo as regule, sabiamente e carinhosamente, porque d'esses festivaes escolares exalam-se por toda a vida do cidadão—que olha sempre commovente e saudoso para o passado—as fragancias suavissimas dos seus effeitos encantadores, que são como que benções de luz e d'amor, beijando enternecidamente o seu querido de Portugal. E, a proposito, direi, que ha patriotas, sinceros patriotas que, para afervorar mais e melhor o amor das virtudes sociaes, nas creanças e nos adultos, desejam ver o estado, os municipios e até os argentarios, promovendo festas publicas, attractivas, que impressionem os sentimentos e illustrem a percepção humana:—festas a que a agricultura, o commercio, a industria e as artes, adhiram em harmonioso certame:—festas commemorativas de factos notaveis da nossa vida nacional, ou glorificantes de portuguezes preclaros, que mais directamente concorreram para o prestigio do nome luzitano. Será uma utopia tal ideia?...

Todos ganhariam com semelhantes manifestações, que avigoram o culto do bem: ganhariam o commercio no seu desenvolvimento, a industria no seu progresso, a arte na sua expansabilidade, e o individuo na sua educação. Pode dizer-se que as festas publicas são quasi tão necessarias á vida moral e material dos povos civilisados, como o pão, a agua e a luz á vida organica do individuo. Nunca é demais infiltrar por todos os modos e por todos os meios, na alma portugueza, desde o lar até á escola, e desde a escola até á rua ou praças publicas, aquellas qualidades subjectivas de perfectibilidade, preciosas e apreciaveis, que são o timbre e a honra dos espiritos cultos do mundo inteiro.

(*Continua no proximo numero*).

Julio Lobato

Recentes noticias de Angola dão conta de ter fallecido em Loanda, no dia 21 de maio, o jornalista Julio Lobato, official da secretaria do governo da provincia.

Não conheciamos o extincto pessoalmente, mas nem por isso deixamos de sentir a sua morte por o considerarmos um dos membros mais distinctos e mais ousados da familia republicana.

Julio Lobato foi redactor da *Folha do Norte*, jornal fundado no Porto ha, talvez, perto de 12 annos pelo tenente Coelho e n'essa qualidade nos escreveu um dia convidando-nos a collaborar n'esse diario como correspondente n'esta cidade. Acceitámos o encargo, fizemos quanto em nossas forças coube para que a gazeta se aguentasse, mas a breve trecho a *Folha* acabou e o tenente Coelho seguiu para o ultramar. Pouco tempo volvido, porém, Julio Lobato, fêl-a reapparecer, semanalmente. Pediu de novo o nosso concurso, que lhe não foi negado embora com sacrificio de saude que, á epocha, era bem precaria. Ainda n'esta segunda phase a *Folha do Norte* não logrou ter longa existencia, pelas perseguições que lhe eram movidas. Assim, ao fim de poucos mezes terminava, de vez, a publicação, de passo que Julio Lobato se decidia a embarcar para a Africa, não sem que previamente nos escrevesse uma longa carta de despedida, que conservamos, e que é, afinal, a origem d'estas recordações, que a sua morte veio avivar, fazendo-nos traçar com o sentimento proprio de quem vê desapparecer um bom e sincero partidario da Republica.

Estrada da Costa Nova

Dizem-nos que se encontra n'um estado lastimoso todo o caminho que vae da Barra á Costa Nova do Prado pelo que ousamos chamar a attenção do sr. Manuel Maria Amador afim de ordenar os competentes reparos, antes do começo da epocha de banhos e portanto de n'ella principiarem a transitar, com mais frequencia os vehiculos que, como se sabe, para ali fazem constante carreira.

Oxalá possamos ser ouvidos.

EXCURSÕES

Aveiro prepara-se para receber condignamente, depois d'amanhã, os excursionistas do Porto e Coimbra que, em comboios especiaes, devem chegar á estação perto das 10 horas e aos quaes está reservada enthusiastica recepção por parte dos nossos conterraneos e associações locaes, como é mister que aconteça.

A excursão do Porto, promovida pela *União dos Empregados do Commercio* com a adhesão da *Assembleia Commercial Portuense, Club Commercial Portuense, Grupo Commercial da Liberdade, Club Fluvial Portuense e Club Recreativo Portuense*, far-se-ha acompanhar da respectiva tuna-orchestra, notavel grupo musical composto de setenta executantes, a qual se fará ouvir no *Theatro Aveirense*, revertendo o producto liquido a favor da Misericordia d'esta cidade, acto de philantropia este que muito enobrece quem o pratica.

Do programma fazem parte ainda um passeio pela ria em barcos saleiros, uma tourada na praça de Santo Antonio, um festival no Passeio Publico e uma *marche aux-flambeaux* com que serão acompanhados á estação os nossos hospedes, ás 11 horas e meia da noite, e em cuja *gare* se effectuará a despedida, antes da abalada dos comboios.

O *Democrata* antecipa, tanto aos excursionistas do Porto como aos de Coimbra, as suas saudações, estimando que d'Aveiro colham e levem impressões que lhes sejam gratas e possam recordar sempre com saudade.

* *
*

Pelo correio d'hontem recebemos o n.º 211 do *Caixeiro do Norte*, quasi todo consagrado á excursão dos empregados do commercio do Porto. E' illustrado com algumas vistas dos principaes pontos d'Aveiro e os retratos dos srs. Augusto Costa, presidente do Conselho Director da União dos Empregados do Commercio e Henrique Ratto, nosso patricio, presidente da Associação dos Empregados do Commercio d'Aveiro.

Traz tambem esmerada collaboração.

O S. João

Estiveram pouco animadas as festas do santo Percursor cuja vespera em out'ora ruidosamente celebrada pela mocidade com communicativa alegria e desusado espavento.

O *banho santo*, na praia da Barra, tambem não foi muito concorrido, pelo que não despertou nenhum interesse na cidade.

Como os tempos mudam!...

Vida militar

Um jornal da localidade vem, nos seus ultimos numeros, tratando da questão do aquartelamento para um dos regimentos que a nova organisação do exercito destina a esta cidade.

Sem querermos propriamente entrar na discussão das vantagens ou inconvenientes, que offerece um ou outro edificio para internato do Asylo, ou aquartelamento d'infanteria, parece que não andaremos muito affastados da verdade se concluirmos que se anda interpondo uma questão de interesses pessoaes, aos interesses de uma tão util instituição, como o Asylo Districtal.

Não desejariamos ferir a susceptibilidade de ninguem, mas as cartas ultimamente publicadas no *Campeão* não apresentam argumentos de pezo contra a installação dos asylados no convento de Jesus; se alguma coisa provam é a *mysteriosa volubilidade* do seu auctor—que no ultimo comicio e com tanto calôr parecia defender a installação do regimento no edificio do Asylo.

Não teria o sr. Lebre, n'aquella occasião, conhecimento da *perigosa insalubridade*, e da falta de condições hygienicas d'aquelle *antro* onde foram *condemnadas* a viver por tantos annos, dezenas e dezenas de creaturas habituadas a todos os confortos, que os asylados jámais conheceram e talvez nunca venham a conhecer? Nem saberia, então, das pessimas condições financeiras do asylo? E ignoraria a existencia dos taes altares repletos de teias de aranha, com santos de pedra e de pau carunchoso que poderiam tão desastradamente incutir no espirito dos asylados ideias demasiadamente religiosas que os inhibissem de ser mais tarde cidadãos de vontade propria e de consciencia livre, de preconceitos falsos, etc?

Ora valha-nos S. Pedro!... Então as taes condições financeiras peoravam quando *desde já* se podiam internar no convento os asylados do sexo feminino, e, quando umas ligeiras obras aprontavam as installações destinadas aos do sexo masculino? E, ficando o ministerio da guerra com o novo edificio do Asylo não ficaria com o tal encargo de o acabar? E esses santos *mudos* e *quêdos* que mal fariam aos asylados? Livrem-se elles de certos santos ou santas de carne e osso, porque esses de pau carunchoso de que nos falla, com tanta repulsão, o sr. Jeremias, em nada prejudicam a educação dos rapazes.

Continue a commissão a desempenhar-se do seu mandato, sem se preoccupar com o que possam dizer aquelles que teem perdido uma bôa occasião de estar calados, que é isso que mais convem e merece os applausos de toda a gente sensata.

=Por determinação superior, deixou hontem de existir a nossa brigada d'infanteria, motivo porque passou o commando militar d'esta cidade para a séde do regimento de 24.

Os srs. officiaes, que faziam serviço no respectivo quartel general, ficaram aguardando collocação que lhes será dada na ordem do exercito que hoje deverá ser publicada.

O sr. coronel Antonio Ernesto da Cunha regressou hontem mesmo a Coimbra, ao D. R. R. n.º 23 a que pertence.

=Diz-se que as unidades que terão de ser deslocadas por motivo da nova organisação do exercito, só em novembro proximo, deverão occupar os seus novos quarteis.

A IMPRENSA THALASSA

O *Jornal d'Albergaria*, em todos os numeros, muito preoccupado com o futuro da republica, pergunta no seu ultimo, com ares de patriota, e entouriçado de aprehensões sobre a reunião das constituintes: que sahirá d'alli?

Pois que ha de sahir serafico collega?

Não ferva em pouca agua e aguarde os acontecimentos, não seja soffrego. Ora valha-o a Nossa Senhora de Lourdes! Vá-se entretendo a profligar esses traidores á Patria de que faz parte o ex-patrão João Franco, que na fronteira procuram crear-nos difficuldades, lançando-nos nos horrores d'uma guerra civil, não os poupe com o seu silencio de thalassa de fabrica coberta, e deixe singrar a Republica que vae fazendo o que póde, esforçando-se por endireitar o que levou dezenas d'annos a entortar.

Lembre-se de que ella, á face de documentos, já liquidou os adeantamentos ao rei Carlos em 3:500 contos que o patrão João Franco, falho em contas e escrupulo, apurou em 700, entrando no ajuste o nosso hyate Amelia!... Disfarce, pois, como puder, a maneira acintosa de se engulhar com pequenas coisas a respeito da republica, e vá-se entretendo com a agua de Lourdes que é d'uma cana para refrescar as partes roliças e cabelludas do corpo!...

Incendio pavoroso

Segundo as ultimas noticias, de Lamego, no incendio que na noite de terça para quarta-feira reduziu a cinzas 23 predios, calcula-se ter havido de prejuizos para cima de 100 contos.

A consternação n'aquella cidade é desoladora.

CARTA

Do digno commissario de policia e administrador d'este concelho recebemos a seguinte, que gostosamente publicamos:

Amigo Redactor do «Democrata»

Junto a copia d'uma carta que acabo de enviar para a «Vitalidade».

Se vos parecer que no vosso apreciavel jornal tem cabimento a rectificação contida n'ella, publicae-a. Contribuireis assim para que a verdade dos factos seja mais conhecida, mostrando simultaneamente que é em absoluto inverosimil o fracasso que, talvez n'um momento de simples irreflexão, a «Vitalidade» indevidamente attribuiu ao vosso

correligionario e amigo grato

S/C
Hotel Cysne,
29-VI-911

Beja da Silva.

Illustre cidadão redactor da Vitalidade

Sei bem quanto ha de impertinencia, quasi sempre, n'um pedido de rectificação; mas relevae-me hoje essa impertinencia, já que a local do vosso jornal de 24 do corrente, subordinada á epigraphe—*Circular*,—deixa a verdade, que eu tanto prêso e por quem tenho uma sincerissima devoção, muito escondida, n'uma penumbra, que é preciso fazer desapparecer.

Para a reunião a que n'essa local vos referis e que se realisou no meu gabinete no preterito dia 17, eu não convidei sómente os parochos do concelho e não lhes recommendei que mandassem repicar os sinos no dia da abertura das Constituintes, ou em qualquer outro.

Isso seria um dislate, se não incompativel com o mais comezinho conhecimento dos deveres d'um dos cargos em que estou investido e em cujo desempenho ponho toda a minha intelligencia e boa vontade, pelo menos em briga franca com todos os principios de correcção, que eu muito respeito, e com a habitual ponderação de que tão raro me afasto.

A essa reunião assistiram por convite do administrador, além dos parochos, os regedores e os presidentes das commissões parochiaes administrativas de todo o concelho, e, ainda, o snr. presidente da Camara. Uma vez reunidos todos, desappareceu o administrador para ficar o cidadão que lhes fallou da grandiosidade do dia 19 de junho, dia singularmente festivo para a Patria portugueza, de que o concelho de Aveiro é uma parcella e onde, consequentemente, havia o dever, e gratissimo, de solemnisar esse dia, ainda que sem programmas espalhafatosos e sem magestaticas ostentações. E insinuou que o repique dos sinos é sempre grato ao coração, principalmente das povoações ruraes, e o estalejar dos foguetes a todos anima, a todos enthusiasma, além do que as philarmonicas, nas terras onde as houvesse, percorrendo as ruas a tocar o hymno da Patria redimida, completariam a tela das povoações em festa, sublime pelo significado.

Cumpre-me registar que n'esta altura reinará a impressão nitida de que todos apoiaram esta maneira singela de exteriorisar o nosso júbilo no historico dia da abertura das Constituintes, e até o reverendo prior da Vera-Cruz, interpretando o sentir dos seus collegas do concelho ali presentes, decididamente apoiou, observando, porém, que já lhes não cabia a elles mandar repicar os sinos.

Logo redargui que aos parochos, desde que estavam dispostos a collaborar n'aquella tão justa festa, outro papel lhes pertencia, qual era o de dizerem ao povo a que vinham o repique dos sinos, as girandolas dos foguetes, e o hymno das philarmonicas; o de dizerem, emfim, ao povo a verdade sobre o altissimo significado da abertura do primeiro Parlamento da Republica Portugueza. Prestavam assim um serviço ao povo, elucidando-o, e á Republica, apoiando-a.

E os parochos do concelho comprometteram-se espontaneamente a fazel-o, não no no dia 19 por ser segunda-feira, dia em que teriam poucos ouvintes, mas no domingo anterior.

Eis tudo, em synthese; e, como vêdes, cidadão redactor, flagrantemente differente da vossa local a que, por essa razão, talvez com vulgar precipitação haveis dado publicidade.

Ainda o restante da mesma local me convida a dizer em abono da verdade, que tendo permittido a permuta de cumprimentos entre os parochos do concelho e o prior do Troviscal, no momento detido, e tendo assistido a esses cumprimentos, não lobriguei, francamente os mais insignificantes signaes de commoção e muito menos que essa commoção fôsse até ás lagrimas! Além do que, notae bem, nem havia razão para semelhante sentimentalismo.

Se em vez do padre Gomes, detido uns dias n'uma repartição publica, com todas as commodidades relativas, á ordem do commissario de policia de Aveiro, e n'este redemptor regime de tolerancia e abnegação, se tratasse d'um republicano, prezo mezes e mezes, n'um calabouço infecto, á ordem do famigerado Antonio Emilio, e no cerrupto regime baqueado, vá lá!

Mas agora, illustre redactor, não ha razão para tal. O regime é outro, muito outro: é um regime de liberdade e generosidade, e tanta que a Historia não cita nem egual liberdade nem egual generosidade em qualquer regime novo que uma revolução impuzesse.

Nem um fuzilamento! Nem uma deportação! Nem nada!

E os *paivantes*, como por ahi lhes chamam, a conspirar contra esta magnanima e ideal Republica!

Desculpai-me, cidadão redactor, este desabafo que não faz parte da satisfação, e pelo que, se assim o intenderdes, podereis relegal-o para o repositorio das coisas inuteis.

A rectificação propriamente dita, que vae até o ponto em que começa o esclarecimento sobre a pretensa commoção, essa é que eu não dispenso; e todavia contraria-me o ter de o fazer, porque eu, podeis crêl-o, positivamente não fui fadado para andar com o meu eu em exposição, á guisa de reclamo, e muito menos estou em Aveiro para desempenhar tão ridiculo papel. Para produzir alguma coisa de util para a sociedade e para a Republica é que eu aqui estou e... para nada mais.

Agradecendo-vos a inserção d'esta, subscrevo-me vosso

Att.º ven.ºr e obrig.º,

Aveiro, 28—VI—911.

Beja da Silva.

"Rancho das Olarias,,

Foi a Braga e Barcellos exibir-se nos brilhantes festejos que ali se effectuaram pelo S. João, este afamado grupo local cujas danças e canções são sempre muito apreciadas onde quer que tenham logar

Os jornaes fazem-lhe honrosas referencias e em especial ás tricaninhas que o compõem, o que não é para estranhar...

UM... RESUSCITADO!

Era na estação.

Illumina o espaço a luz suave da madrugada.

Os primeiros raios de sol tingem o firmamento de largos traços sanguineos.

A natureza irrompe n'um côro de canticos, saudando as avesinhas, a luz benefica do dia. As flores abrem os seus calices e exhalam os seus perfumes.

A terra desperta do seu lethargo.

Quatro velhas, santas creaturas, irmãs do Senhor dos Passos e *filhas de... Maria*, tementes a Deus, detestando as cousas mundanas, bem aconchegadas aos chailes, porque a manhã está fria, muito juntas, com os narizes quasi que tocando-se, olhos faiscando colera, trocam impressões sobre o *fallecimento da morte* do padre *Salomãosinho*:

—Pois foi como lhe digo—affirmava a mais pencuda—oh Deus de misericordia!—arrancaram-n'o da prisão e levado para um pateo, ahi o arcabuzaram!...

Outra, cahindo-lhe lagrimas como punhos:

—Quando lh'apontaram as armas, elle, o nosso santo, pôz as mãosinhas sobre o peito e exclamou com os olhos fitos no ceu—*Senhor! nas vossas mãos me entrego, e nas da vossa santa mãe...*

Ha um movimento de horror nos circumstantes affirmando a terceira que a versão mais acceitavel, como causa da morte do *Salomãosinho*, teria sido, quando o intimaram a embarcar para Timor, um ataque que o fulminára!

—Fosse como fosse, argumentou a quarta, mataram-n'o, mataram-n'o, esses *pedreiros livres*, esses malditos a quem Deus Nosso Senhor ha-de fulminar com um grande exemplo, como aquelle que nos ia mostrando com o maldito do tal Affonso Costa...

—Mas não o levou o diabo. Deus me perdoe; todos os dias vejo que esse *judeu* continua melhorando...

—Esperemos, Deus mostrou-lhe o seu poder e o seu desagrado; pode ser que elle volte ao bom caminho...

Lembrem-se do milagre de S. Paulo... Não ia elle combater a fé de Deus e não bastou a voz, que do ceu ouviu, para arrepender-se?...

—Pois sim, responde de nariz maior,—este malvado, porém, tem ouvido as vozes do inferno...

De subito, um silvo agudo eccôa no espaço e assusta as santas creaturinhas, que se voltam apressadamente.

—Ahi está o comboio! Preparemo-nos para partir.

A machina suspende o seu resfolgar violento e n'um ultimo solavanco as carruagens estacam ao comprido da *gare*. Abrem-se as portinholas e a plataforma enche-se, n'uma balburdia de gente e de cousas, quando as nossas quatro protogonistas, surprezas e extaticas, deparam com o santo, n'um movimento uniforme, erguendo as mãos ao ceu: *louvado seja o santissimo sacramento*!...

D'uma das carruagens para onde ellas se dirigiam descia o padre Salomão, vivo, são, escorreito, *seraphico*, biblico, celestial, amorsinho emfim, o genuino, o authentico e verdadeiro auctor das *filhas de... Maria*!...

Os transportes d'alegria e de effusão amantissima que se seguiram, não é tarefa para penna humana!

As santas velhinhas beijam as mãos do *seraphico e virgem* Salomãosinho e este, n'um extasis verdadeiramente unico, diz:

—Foi Jesus, foi a Virgem Maria que me salvaram, minhas queridas irmãs!

—Então ficamos aqui?—brada uma voz junto do grupo.

Era um policia que de Lisboa acompanhara o *santo*, para entregal-o ao poder judicial, onde, pouco depois, o prior da Vera-Cruz o afiançava em 500$000 réis.

—Já vamos—respondeu o *martel*...

—E nós perdemos o comboio!... exclama uma das admiradoras do santo varão.

—Seguiremos todas.

E vieram.

* * *

O alarme dado pelas companheiras do *santinho* espalhou-se e o beaterio alvorotado com a boa nova, foi todo em cortejo saudar o resuscitado!...

—Tal qual como Jesus Christo, dizia uma admiradora ao abandonar a mansão onde o nosso santo demora: foi preso, morto e sepultado, resuscitando ao terceiro dia...

—E' verdade, é verdade!!!...

....

Uma das mais enthusiasticas admiradoras do rico padre, *filha... de Maria* tambem, sonhou que vira o *Salomãosinho* subindo ao ceu, n'uma nuvem de cores admiraveis ouvindo o tremulo d'uma explendida orchestra e um côro de vozes celesteaes e inimitaveis, com milhares d'anjos volteando a figura ascetica e mystica do santinho, reproduzindo ao mesmo tempo o tradiccional gesto que o popular Chrispim costuma fazer quando o incensam!...

Um verdadeiro encanto!

O seu a seu dono

Melhor informados, devemos dizer que a pequena poesia distribuida aos excursionistas, em Santa Cruz, por occasião da excursão escolar a Coimbra, aqui inserta e attribuida ás escolas d'aquella cidade, foi distribuida pelos alumnos d'uma das escolas do circulo escolar d'Aveiro.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 22 de Junho de 1911.

Presidencia do cidadão Vicente Rodrigues da Cruz na ausencia justificada do respectivo presidente. Compareceram os vogaes Pompilio Souto Ratolla, Manuel Augusto da Silva e Sebastião Pereira de Figueiredo.

Acta approvada, em seguida ao que a camara resolveu:

Enviar um telegramma de felicitações e congratulação ao presidente da Assembleia Constituinte pela proclamação da Republica;

Attestar o bom comportamento moral e civico, bem como certificar os bons serviços prestados ao municipio pelo seu empregado fiscal, José Nunes Branco Junior;

Auctorisar José da Naia Sardo, de S. Roque; João Nunes Carlos, de S. Bernardo; Marcelino Fernandes Branquinho, de Eirol e Rosa Tavares Maria de Jesus, d'esta cidade, a procederem ás construcções para que pedem licença, sendo esta ultima no cemiterio publico, com acquisição de terreno para um jazigo; e

Encarregar o chefe de serviços municipaes de orçar a despeza a fazer na reparação do caminho do Outeirogordo e na fonte da Vessada, em Nariz, e inquirir a quem pertença a propriedade das oliveiras que se encontram n'aquelle caminho, para lhes dar o destino conveniente.

Por proposta do vogal do respectivo plouro, o cidadão Manuel Augusto da Silva, resolveu mais que o chefe de zeladores traga semanalmente á camara a nota do rendimento de todos os postos e logares fiscalisados pelos empregados seus subalternos, a fim de se apreciar do zelo que cada um d'elles põe no serviço a seu cargo, e alternalos semanalmente, n'esses postos e logares.

CORRESPONDENCIAS

Albergaria-a-Velha, 26

Uma dadiva judicial

Devido, em grande parte, á sua situação topographica, Albergaria está gosando hoje de regalias que a tornam uma das villas mais favorecidas do districto.

Desde de 1886, em que ella teve as honras de julgado municipal, por influencia do grande amigo d'esta terra, o desembargador Francisco de Castro Mattoso, até ao decreto de 26 de maio ultimo que fez de Sever e Albergaria uma só comarca, ella tem-se visto elevada sempre pelo partido regenerador e apeada e desconsiderada pelo partido do progressista. O partido regenerador bizarra e desinteressadamente engrandeceu Albergaria e contraiu para comnosco uma divida que ficou sem-

pre em aberto, ao passo que o partido progressista procurou sempre, por tudo e atravez de tudo, conservar-nos n'uma deprimente dependencia d'Agueda. Sempre os nossos interesses mais vitais preteridos pelo bem estar de clientelas sem ideal.

Albergaria esforçando-se por se emancipar d'aquella suzerania e o progressismo cada vez ajoujando-se mais sob a influencia do patronato de Agueda, em menoscabo das nobres e alevantadas aspirações d'este povo honesto e trabalhador. Nunca d'elle partiu um gesto de nobre repulsa, traduzido n'uma orientação politica que contrariasse a influencia d'Agueda. Ao contrario viveu sempre atrelado ao carrão magestatico do seu poderio! Relacionem com os interesses d'esta terra, Lopo Vaz, João Franco e Alpoim, recordem as datas de 1890, 1895 e 1899 e digam desapaixonadamente se o progressismo tem sido ou não, ha 20 annos, o perro travão, o trambolho mais nefasto a nossa ancia de progredir e sermos alguem. E todo aquelle chuveiro de benesses que uns nos davam e outros nos surripiavam, parecia obra de bamburrio ou acaso, talvez por causa dos lindos olhos d'esta terra, tal qual como o caminho de ferro, aqui ao pé da porta que cahiu do ceu aos trambolhões, sem ninguem cá da terra mexer uma palheira! Agora, com os dois wagonsinhos da ordem alli na estação, mesmo á mão de semear, promptinhos para ablativo de viagem, com Sever a calcurriar para Albergaria, por obra e graça da justiceira Republica, que mais queremos nós? Só se for alguma camada da *dita* para nos coçarmos nas horas vagas... Mas não ha gosto sem desgosto, e toda a medalha tem o seu agourente reverso!

Dos homens a quem se deve o regresso de Sever para Albergaria nenhum nos deu o prazer e gloria de ter nascido n'esta safara terra, de mergulhar o seu bento corpo nas purificantes aguas da nossa pia baptismal! Veio tudo de fóra como o arroz e o bacalhau. São elles o sr. dr. Barbosa de Magalhães que no dizer do *Jornal de Albergaria—dadivou judicialmente Sever a Albergaria* e mais os srs. dr. José de Lemos, Jayme Ferreira e Domingos Guimarães que metteram espadas ao peito d'aquelle nosso deputado, para que o negocio se solucionasse quanto antes. Ora vamos por partes, que aqui bebe uma vacca. Vamos á partilha do grosso tracanaz de gloria, mas devagarinho, por todos os que trabalharam, porque, costuma dizer-se: se muito come o tolo, mais tolo é quem não lhe dá nas ventas p'ra traz.

Pouco depois da implantação da Republica, fallou-se insistentemente na reforma judicial e na extinção d'algumas comarcas. Boquejou-se na d'Albergaria, mas em breve o boato hostil se desvaneceu e, com o seu desapparecimento, surgiu a ideia de todas as commissões de Sever e Albergaria representarem no sentido da annexação que hoje gosamos.

O sr. Eduardo Arvins, velho republicano, em nome do seu concelho, o então presidente da nossa camara, o sr. dr. Lemos e o presidente da junta d'esta freguezia acompanhados de muitas pessoas dos dois concelhos foram a Aveiro e leram as suas energicas e sensatas representações, cheias de justos considerandos ao então governador civil, o sr. Albano Coutinho que sinceramente prometteu patrocinar tão justa pretenção. Tal a justiça do que allegavam e a grande violencia que ha tanto tempo suportavam que todos se retiraram na consoladora persuasão de que era negocio conseguido, e tanto assim foi que já ha mezes se sabia que Sever ficaria fazendo parte da comarca d'Albergaria. E d'isso tivemos nós informações autenticas, fidedignas.

Eu e outros que abalaram para Aveiro viviamos n'esta doce illusão, fortalecidos ainda mais pela persuasão de que, n'um regimen republicano ainda incipiente, a justiça dos interessados prevaleceria a todos e quaesquer predominios que fizeram epocha no tempo da monarchia. Mas vem d'ahi o *jornal d'Albergaria* e diz que o nosso deputado sr. dr. Barbosa *dadivou judicialmente* Sever a Albergaria. Alem da trapalhice que involve, a phrase resabe aos processos indecorosos da monarchia em que os cofres publicos estavam á mercê dos caciques para pagarem com estradas e reparos de egrejas as chapeladas urdidas á bocca da urna. Uma tal palavra é um insulto ao regimen republicano que não franquiou assim o saquitel das graças a ninguem, mas só ao povo, quando elle reclama e com justiça.

Se o articulista, como parece, quer dar a entender que o sr. dr. Barbosa se intremetteu no assumpto em retribuição da sympathia que este concelho lhe demonstrou nas eleições, então de nada valeu a sua boa vontade, porque o despacho já estava lavrado antes das eleições, e n'esse caso o papel de sua ex.ª limitou-se a fazer sahir o pão do forno, quando elle já estava cosido e outros o tenderam. Não queremos com isto dizer que o sr. dr. Barbosa çuja escolha achamos acertada, como nosso representante no parlamento, attentos os seus dotes de caracter e intelligencia, não fosse capaz de cooperar e cremos até que se empenhasse, porem, na altura em que o fez e começou a immiscuir-se nas cousas do nosso concelho já a rez estava para vir á cama, e n'esta altura a habilidade d'uma pessoa restringe-se, quando muito, ao papel de parteira. Atabalhoadamente, pois, andou o articulista, lançando-lhe sobre os hombros responsabilidades que lhe não cabem. Dê-se a cada um o que lhe pertence, sejamos justos relatando os factos e nada de paspalhonices e basofias pela bocca fóra e que caem pelo ridiculo. Que os tres lembrassem o caso ao sr. dr. Barbosa, acreditamos, mas sem querermos roubar no pezo da sua enorme importancia, seria prestar homenagem á verdade apontar tambem os nomes dos humildes presidentes das commisões e auctoridades de que faziam parte muitos que não eram nem adhesivos nem thalassas, e cujas representações o decreto unicamente attendeu.

Recolha, pois, o articulista o tal *dadivou*, metta-o lá onde quizer, e lembre-se de que, ha 8 mezes, outros tiveram a iniciativa, pediram com mais empenho e auctoridade, e sem basofia e em alardes, viram a sua aspiração convertida em realidade. Mas se estamos em erro, bom seria que nos elucidassem, levando-nos em conta a boa fé com que procuramos reconstituir a verdade dos factos, sem querermos melindrar ninguem.

C.

Alquerubim, 19

A commissão parochial d'esta freguezia vae dar principio ás obras da reparação da igreja matriz, assim como ao embellezamento e vedação do adro.

A importancia orçada para esta obra é de perto de dez contos de réis.

Tambem vae ser construido um cemiterio novo que importa em perto de 4 contos de réis.

=== A commissão vae mandar proceder aos estudos, planta e orçamento para a construcção de uma ponte sobre o Vouga de modo que esta freguezia fique ligada com a Ponte da Rata onde está a estação do caminho de ferro do Valle do Vouga.

=== Vão começar breve os trabalhos do encanamento d'agua potavel para uma fonte no Ameal.

C.

Idem, 26

Teve logar hontem na igreja d'esta freguezia a festa ao Coração de Jesus e comunhão ás creanças. Prégou o revd.º parocho de Oliveira de Frades, que fez brilhantes discursos.

Assistiu a musica da Vista Alegre que mais uma vez provou que é uma das melhores do districto d'Aveiro.

De tarde houve procissão, terminando a festa sem o mais pequeno incidente.

=== Estiveram aqui, vindos do Porto, de visita ao sr. Manuel Maria Amador, sua filha, netos e genro, o sr. David José de Pinho, despachante da Alfandega d'aquella cidade.

=== Parece que vamos ter uma colheita de vinho muito superior ao que se esperava.

=== Vão começar breve as obras da igreja d'esta freguezia, o que é uma grande necessidade.

C.

Bomsuccesso, 18

Chegado do Congo Belga acha-se a passar algum tempo com sua familia, o nosso amigo sr. Duarte Madail, irmão do nosso correligionario Antonio Madail, actualmente tambem n'aquelle longiquo Estado.

As nossas boas vindas.

=== A junta de parochia de esta freguezia (Aradas) deliberou, por intermedio do sr. Alberto Souto, deputado por este circulo, comprimentar e felicitar o sr. dr. Affonso Costa, congratulando-se com as suas melhoras.

=== Appareceram, lançados por debaixo das portas, uns pasquins, com cheiro a incenso, nos quaes se fallava no reisinho e na possibilidade d'elle voltar, no que pomos as nossas duvidas.

Serão desabafos ou quê?

C.

Pinheiro, 27

Teve logar no ultimo domingo em Alquerubim a festividade ao Coração de Jesus.

Foi enorme a quantidade de povo que veio assistir á procissão, cabendo justos louvores aos respectivos dirigentes da festa.

=== E' com o maximo empenho que pedimos ao digno chefe de conservação, sr. Amador, para que mande remover o entulho que está amontoado defronte da capella de S. Miguel.

=== O povo do Salgueiral e de Pinheiro esperam da commissão administrativa d'Albergaria o encanamento de agua necessaria para abastecimento d'estes dois logares.

E' trabalho que ainda está por concluir, mas que se impõe pela satisfação inadiavel d'essa necessidade publica e urgente.

C.

Pará, 6

Era aqui anciosamente esperado o resultado das eleições em Portugal, pois quasi não se falava em outro assumpto. Como esse resultado fosse satisfatorio para a democracia portugueza, o *Centro Republicano* fez distribuir grande quantidade de boletins com os primeiros telegrammas recebidos de Lisboa e do nosso Ministro no Rio de Janeiro, mostrando assim a grande victoria alcançada pelo partido republicano portuguez.

O mesmo *Centro*, em signal de regosijo, conservou por 3 dias as suas fachadas embandeiradas e á noite illuminadas com grande quantidade de balões venezianos, que produziu um bonito effeito, tendo ido ali obter informações grande numero de socios.

O grande exito das eleições fez com que os thalassas perdessem as esperanças de tornar a vêr o seu *Manelsinho* outra vez no throno.

== Tenciona partir brevemente para a velha Europa, o sr. Antonio Lemos, presidente da Camara Municipal d'aqui.

= Vamos ter este anno, pela primeira vez, festas populares, á minhota, no jardim de Baptista Campos, que principiam em 11 e terminam em 29 do corrente.

== Decorreu sem um unico caso de febre amarella o mez de maio ultimo, devido aos trabalhos da Commissão de Prophilaxia, que tem sido incansavel na extincção dos mosquitos.

=== A crise commercial vae tomando incremento por causa da baixa do preço da borracha, que actualmente se vende a 4$000 réis o kilo, da melhor.

== Reuniram no dia 31 de maio ultimo, no *Centro Republicano Portuguez* diversos socios que tambem fazem parte do *Gremio Litterario Portuguez*, para protestar contra certas irregularidades que n'este ultimo se têm dado, principalmente na ultima sessão da assembleia geral, onde foi resolvido adoptar, como pavilhão social, a antiga bandeira azul e branca e mais coisas em que até cheira mal mecher.

Pelo visto a directoria do Gremio está dando provas do seu entranhado *thalassismo*, que por este andar vae longe...

C.

Lisboa—Encontra-se á venda o *Democrata* nos seguintes locaes: *Tabacaria Monaco*, Rocio; *Kiosque Elegante*, idem; *Tabacaria Ingleza*, Praça do Duque da Terceira, 18; *Tabacaria Godinho*, Calçada da Estrella, 25-B.; casa de *João Teixeira Frazão*, R. do Amparo, 52; casa de *Manuel Gomes Geraldo*, Calçada da Estrella, 111.

Ultima hora

Por ter terminado o sexennio, em Fevereiro, acaba de ser transferido para a comarca d'Elvas, o sr. Ferreira Dias, juiz de direito em Aveiro, vindo substituil-o o sr. dr. José Elisio da Gama Regalão, que estava em Leiria.

Custou bem...

Suicidio

Morreu, no hospital, uma infeliz rapariga, Margarida Calmão, que ha dias havia ingerido uma porção de cabeças de phosphoros diluidas em aguardente.

Foi uma das mais formosas tricanas da nossa terra, mas tambem das mais desprotegidas da sorte que temos conhecido.

Paz á alma da desditosa.

Voluntarios da Republica

São convocados todos os que se acham inscriptos no batalhão de voluntarios a comparecer na parada do quartel pelas 5 horas precisas da manhã de domingo.

AOS BARCELLENSES

Agradecimento

Em cumprimento d'um dever que a gratidão me impõe, venho por esta fórma reiterar os meus mais sinceros agradecimentos ao meu presado amigo e patricio, sr. Henrique da Costa, integro sub-inspector dos impostos na vetusta e encantadora villa de Barcellos, pelas provas de cordealidade e deferencia que se dignou dispensar ao *Rancho das Olarias* quando da sua recente estada ali, pelo que fiquei immensamente penhorado para com S. Ex.ª, não só, porque ellas foram inteiramente immerecidas, mas tambem porque mostraram á evidencia as peregrinas qualidades que exornam o caracter do zeloso funccionario, e, simultaneamente, provaram quão indissoluveis são os laços de amizade que mutuamente nos ligam desde ha muito tempo. Egualmente envolvo n'estes protestos d'amizade e reconhecimento todo o povo de Barcellos pela carinhosa recepção de que o *Rancho* foi alvo, e tambem ao sr. Antonio de Sá, que do mesmo modo, tantas amabilidades nos dispensou. Um amplexo, pois, da mais pura fraternidade a todos os barcellenses.

Aveiro, 28—6—911.

João Telles

Secretario do *Rancho das Olarias*